

Secção Tradução Literária

A Ilha da Satisfação:

ou, Um Novo Paraíso Descoberto (1709)



[Anónimo]

Tradução por estudantes do Curso de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos – Variante de Tradução Literária (coordenação de Fátima Vieira): Brighth Guimarães, Carla Morais Pires, Gisela Leal, Jorge Miguel Osório, Julita Figueiredo e Vera Carvalho.

Citação

"A Ilha da Satisfação: ou, Um Novo Paraíso Descoberto (1709)." Trad. Brighth Guimarães, Carla Morais Pires, Gisela Leal, Jorge Miguel Osório, Julita Figueiredo e Vera Carvalho. *Via Panorâmica: Revista Electrónica de Estudos Anglo-Americanos/An Anglo-American Studies Journal* 2.^a ser. 1 (2008): 164-187. Web. <<http://ler.letras.up.pt>>.

Caro Amigo,

Tendo em conta que as pílulas douradas se revelaram um presente tão oportuno, e que vos encontrais tão ansioso por tomar conhecimento do estado e das condições da nossa feliz *Ilha do Contentamento*, onde esse alegre remédio é administrado para todas as maleitas, cuidei dedicar algumas horas de lazer para dar resposta ao vosso pedido e, em conformidade, enviar-vos uma exacta descrição da localização do país, dos seus produtos, da constituição do governo; e ainda, dos usos e costumes dos felizes habitantes do nosso reino musical, para que possais perceber melhor como os prazeres da paz e a doçura da harmonia excedem as ruidosas surpresas das incertezas da Guerra e do esgar malicioso da discórdia doméstica. Por conseguinte, e para que eu não abuse da vossa paciência com uma enfadonha introdução, tratar-vos-ei simplesmente por Amigo e, isento de qualquer parcialidade para com o meu país natal, dar-vos-ei a conhecer o segredo, sem maiores delongas, a saber.

Capítulo I

Da localização e do clima

Vivemos afortunadamente num clima muito moderado, mas não sendo permitido a nenhum homem o estudo dessa ciência pagã, a Astronomia, não posso, de acordo com as Regras da Arte, pretender dar-vos a conhecer os graus da nossa latitude: e as razões que nos levam a pensar não ser seguro tolerar a presença de um contemplador de estrelas entre nós, são, porque geralmente degeneram em astrólogos presumidos e, com as suas profecias enganadoras, corrompem as mentes das pessoas até à perturbação do reino; portanto, sempre que encontramos alguém a escrever um almanaque, a ler a sina, ou fingindo adivinhar o que vai acontecer no futuro, amarramos-lhe os polegares atrás das costas com um atacador de sapateiro, penduramos-lhe uma forma de fazer sapatos à volta do pescoço, à guisa de sinete, e depois açoitamo-lo até à morte com uma correia de couro, sem piedade; pois deveis saber que não há nada que tenhamos mais do que a subversão do nosso governo e a mudança da nossa Constituição; porquanto, tendo a perfeita noção da nossa própria felicidade, estamos bem cientes, pela triste experiência de outros países, de que somente o infortúnio poderia presidir a uma revolução. Contudo, quanto à agradável temperatura do nosso feliz clima, somos de tal maneira alheios a todo o tipo de extremos, que nunca precisamos de fogo, no Inverno, para aquecer os nossos dedos, ou de água, no Verão, para refrescar os nossos Vinhos, mas desfrutamos, durante o ciclo do ano, de uma tal serenidade pacífica em todos os elementos, que as destilações das nuvens são amenos orvalhos a oferecerem uma fecundação duradoura à terra fragrante e a impedirem a poeira de se levantar, para injúria dos nossos olhos, acima do seu centro natural; deste modo, não estamos sujeitos a ser ofendidos pela sujidade nem incomodados pela poeira, mas pisamos sempre um tapete verdejante, viçoso como um relvado de bowling depois de uma leve chuvada no Mês de Abril. Tal como não temos gelo no pico do Inverno para tornar o solo traiçoeiro, também não temos relâmpagos destruidores, ou trovões medonhos na mais abrasadora das nossas Estações que tornem terríveis os nossos medos; e nem o maior dos nossos furacões, seja Primavera, seja Outono, conseguirá apagar a chama de uma vela de tostão, mesmo que fique acesa, durante toda a tempestade, por cima do cata-vento da torre de um campanário.

Resumindo, somos sempre abençoados por um tal calor aconchegante que um Homem pode deitar-se tranquilo entre os céus e a sua mulher, e esta entre o seu marido e o solo despido, sem o perigo de apanhar uma constipação, apesar de ser Inverno: nem teríamos necessidade de usar roupa, nem sequer uma folha de figueira, não fora a decência obrigar-nos a usar trajes em gaze de

seda. Face à exuberância da natureza e à moderação do nosso clima, alguns dos nossos mais sábios comentadores afirmam profanamente que esta nossa Ilha é o mesmo Paraíso que *Adão* perdeu, e que foi mais tarde restituído aos nossos bisavós, como digno ramo da família do velho Senhor.

O Paraíso não está perdido:
Há-de encontrá-lo apesar de escondido
Quem não ofenda e o saiba buscar
E com honra possa o céu olhar.

Capítulo II

Da comida e acepipes

Quanto aos nossos comestíveis, a natureza é aqui tão generosa na sua fartança que abundamos em variedades de manjares sem esforço humano; nem temos nós ocasião para melhorar a nossa comida pela arte da culinária, pois nada pode ser adicionado que torne as nossas suculentas frutas mais saudáveis ou mais saborosas.

Quanto ao nosso pão, o principal sustento da vida, o nosso solo fértil está tão pejado de batatas deliciosas que facilmente as desenterramos onde quer que nos apraze, sem a assistência de qualquer outra pá para além dos nossos dedos indicadores; daí que o único trabalho que temos seja tirá-las do solo, espalhá-las pela superfície e deixá-las estar apenas meia hora ao sol, e elas parecerão tão bem assadas como pãezinhos de meio-tostão, como se tivessem estado fechadas num forno bem aquecido; por conseguinte, os nossos pobres não têm necessidade de recorrer à Igreja por causa da esmola para a carcaça, nem de dela dissidir na esperança de melhor sustento, pois nós não temos padeiros que os atormentem com grandes contas, ou casas de correcção opressivas que os mantenham com refeições miseráveis, nem temos tão-pouco trabalhos forçados para que uma parcela de patifes ricos fuja com o lucro dos seus proventos, que os santos com autoridade sobre eles possam proferir longas orações em fartas refeições e agradecer a Deus pelo que o Diabo lhes deu.

Ervas e raízes agradáveis são a nossa alimentação habitual, do fidalgo ao pedinte; por causa do nosso modo de vida frugal, mantemos os nossos desejos em tão absoluta submissão que não existe um único magistrado insigne entre nós que sustente uma meretriz nas barbas da mulher, nem um louvaminheiro de belas faces em todo o nosso território que algum dia se tenha tornado homem insigne por ter cometido adultério; nem nunca comemos carne por considerarmos pecaminosa a destruição de uma das criaturas de Deus para

preservação de outra; nem temos nenhuma necessidade que nos induza a isso, na verdade não mais do que a nossa própria volúpia. Quanto a outros tipos de hortaliça, todos os homens as têm nas traseiras da casa, tão certo quanto nelas haver uma latrina; nem pode qualquer habitante passear-se pelo seu jardim sem grande cautela, pois cachos de pêssegos formidáveis e nectaríferos enormes balançam-se na extremidade de galhos dispersos, pedindo para serem engolidos, como se estivessem zangados com o seu dono por não os ter comido antes. Abreviando, temos tanta abundância de uma tal variedade de Produtos deliciosos, que os nossos macacos e esquilos se alimentam de amêndoas doces e os nossos javalis de melões e ananases.

Se vós Bestas, que na ilha habitais,
De ricos frutos vos alimentais,
Que bênção mais pode o homem achar
Neste bem-aventurado lugar?

Capítulo III

Dos nossos vinhos e outras bebidas

Aqui o exterior de cada casa é uma vinha abundante, pois as vinhas brotam tão espontaneamente sob as janelas de toda a gente como cogumelos dos tocos podres de um cavalo negro e trepam pelas nossas paredes por cima das nossas mansões tão naturalmente como cresce a hera à volta de um carvalho ou o saião no cimo de uma casa num pântano, de tal modo que todo o habitante, sempre que queira beber, poderá espremer as uvas com os seus próprios dentes em vez de as passar pela prensa; no entanto, para o bem comum, porque não podemos ser tão livres nas nossas próprias casas, permitimos a existência de algumas tabernas, mas para evitar a adulteração cortamos todas as macieiras mal despontam, não vá a pureza das nossas vinhas ser aviltada pela cidra; com estes métodos, mantemos os nossos comerciantes de vinhos honestos, as nossas bebidas salutaras e as pessoas saudáveis; no entanto, embora as nossas bebidas sejam em abundância e da maior perfeição, somos uma nação sóbria, pois não temos altos impostos que façam com que seja do interesse do nosso governo ser conivente com a embriaguez: para que de facto o baixo preço dos nossos vinhos e a devida execução das nossas leis contra o vício, sem a mínima ajuda de uma Associação de Reforma, façam da embriaguez um escândalo. Apesar da nossa grande tendência para o comedimento e castidade, mesmo o arco-íris mais luminoso não pode ter qualquer nuance na sua variegada coloração senão aquilo que podemos combinar com alguma bebida alcoólica excelente de igual cor,

embora não hajaERVEJEIROS entre nós; pela mesma razão, as nossas cidades nunca são governadas por presidentes de municípios ou corregedores. Mas acima de todas as outras bebidas, possui um certo tónico, mistura de bebida muito minha, destilada de raios de sol, orvalho de Maio, luz do luar e gotas de mel, que propositadamente preparo para a rápida eliminação de quaisquer vapores de melancolia: uma excelente bebida, devo confessar sem lisonja, que ultrapassa qualquer néctar dos céus, todos os vinhos à face da terra e todos os elementos exaltados que se misturam entre eles para extinguir a abrasadora sede do sedento Febo.

Por isso, desde que me informastes na vossa última carta da estupidez pestífera que infelizmente invadiu essa parte presunçosa do mundo onde agora residis, pensei que uma autêntica receita de um *Nostrum* tão enriquecido como este poderia ser muito bem-vinda para um médico-irmão com as vossas particulares pretensões; mas devo recomendar-vos a seguir estritamente o que vos digo, por todos os laços de amizade que nos unem, a encerrá-la depressa no seio do vosso coração, como um segredo valioso. Se acaso achardes dificuldade em encontrar os ingredientes nesse vosso clima mais frio, ou se forem de preço demasiado elevado para as vossas posses, então, em vez de orvalho de Maio podereis usar água do cano; para os raios de sol, folhas de ouro; prata fundida em vez de luz de luar; e o que se pede em gotas de mel, podereis usar açúcar vulgar; embora, façais o que fizerdes, deveis sempre verificar as quantidades certas conforme a minha receita; porque deve ser uma máxima em física, a saber, *nulla veritas nulla virtus*.¹ Quando a tiverdes então preparado *secundum Artem*, conforme as instruções, e devido à sua eficácia para todos os males de melancolia, aconselhar-vos-ia a chamar-lhe "*Alegrete!*", um nome tão bem aplicado para uma bebida tão perfeita, que em toda a *Nomen Clatura* não ireis por certo encontrar outro melhor, pois um dedal cheio, administrado na altura própria, isto é, um pouco antes do paroxismo, irá por certo sarar qualquer fanático entorpecido pelo espírito de contradição, ou mal bocejante, e torná-lo em companhia tão alegre durante toda uma tarde à volta de uma garrafa, como um jovem jogador ou um palhaço divertido. O alegre Andrew² também cura infalivelmente todos os tristes pecadores do mau-humor, hipocondria ou pesadelo. Meninas de suspiros de amor, rameiras de consciências atormentadas e esposas com vapores; e é de tal modo apreciado entre os felizes habitantes da nossa pacífica ilha que aqui é vendido publicamente, em vez de Brandy, para fazer as pessoas rir.

Uma pinguita com moderação
Faz sempre bem, alegre o coração;

Em boa medida põe-nos contentes,
Em exagero deixa-nos doentes.

Capítulo IV

Do nosso vestuário

Abundamos em aranhas, de vários tipos e colorações, mas todas de tal modo grandes que poucas delas parecem menos do que uma bexiga de boi soprada em toda a sua extensão, todas carregando no seu saco ondulante tanta matéria têxtil, de uma natureza sedosa, que não só irá o fio torcer como também tecer gaze, no espaço de um dia, suficiente para encher a bolsa de um escocês, diferindo a manufatura de cada uma em força, cor e substância, de acordo com a comida, magnitude, variação e agilidade do industrioso insecto que a tenha tecido, o que faz o trabalho excelente delas ajustar-se a usos diversos; desta forma, sempre que alguém pretenda alterar a vestimenta, bastar-lhe-á entrar no seu jardim e elas poderão fornecer-lhe um manto solto (que é a vestimenta da moda aqui usada), já fiado e tecido, quer adequado à sua juventude quer agradável à sua gravidade. Não temos por isso aqui ocasião para negociantes de sedas ou de fazendas, para sombrear e infestar gente da nossa qualidade, impedidos de se sentar à vontade nas suas próprias saletas com receio de que qualquer cidadão mais abelhudo, ou outro que seja, com uma conta grande, cinquenta embaraços e outras tantas súplicas, e tudo para saber quando voltará a casa sem o seu dinheiro. Nem ninguém aqui se distingue pelo seu vestuário porque toda a gente tem a liberdade, sem a mínima despesa, de escolher a vestimenta que melhor sirva a sua fantasia; por essa razão, as nossas mulheres aqui são totalmente inocentes de orgulho, não se preocupando com qualquer tipo de ornamentos superficiais, empenhando-se apenas em distinguir-se em virtude, modéstia, eloquência, música, e outras graças femininas que são ornamentos para a mente, bem como para o corpo. Não nos levantamos às cinco horas num domingo de manhã para chegarmos à Igreja às onze; nem pedimos jóias emprestadas para uma noite de baile, para tentar o ataque de borboletas com um pote de mel; nem vestidos dispendiosos para novas intrigas, para escândalo da esposa e ruína do marido; nem uma dama orgulhosa e lasciva a expressar a sua inimizade aos gritos contra outra mulher, quando ela mesma vai cometer adultério. Em resumo, as nossas mulheres de todas as condições, embora sejam normalmente belas, são contudo muito castas, apesar de as suas vestimentas, assim como a dos homens, serem tão transparentes que, não fora a cobertura principal tecida de folhas de amora, o ceptro de *Priapus* e o *Monte de Vénus* seriam tão visíveis através dos nossos véus tecidos por aranhas como

qualquer outra indecência, através de um leque recortado ou um olhar libertino atrás da máscara de uma prostituta. No entanto, ambos os sexos se comportam com tão reverente modéstia que contemplamos a beleza uns dos outros com uma admiração inocente, sem desejar descobrir a gaze de seda sagrada até que as leis nos hajam permitido uma licença mútua para desfrutar da felicidade nupcial.

Casta virtude, o desejo refreias,
Sem luxúria teu encanto maneias;
A chama governas sem apagar
Quando dos dois se pode desfrutar.

Capítulo V

Dos habitantes em geral, e das suas artes, ofícios, e ocupações

De todas as artes e ciências entre nós praticadas, a Medicina e a Música são consideradas as mais veneráveis, e por estas duas razões: em primeiro lugar, a vida de toda a gente é de tal modo feliz, e tudo o que conduz à felicidade humana tão facilmente alcançado, que todos os homens se sentem igualmente relutantes em renunciar a uma certeza tão agradável por um futuro incerto; de tal modo que se um vapor de melancolia porventura eclipsar a natural boa disposição do temperamento de alguém, eu sou imediatamente enviado para administrar algumas das minhas pílulas douradas e uma dose ou duas do meu *Alegrete*, que ou os faz regressar passado pouco tempo ao seu anterior estado de espírito ou, caso o paciente continue no espaço de uma hora com um ataque de neurastenia, damo-lo como uma vítima mortal do fatal conquistador. Por isso, o pavor da melancolia e o medo da morte fazem com que eles adorem os seus médicos como seus salva-vidas, e ainda para mais, porque apenas existem três em toda a Ilha, o Dr. *Dieta*, o Dr. *Sossego* e o Dr. *Alegria*: o primeiro controla a comida do paciente e prescreve-lhe regras relativamente à alimentação; o segundo embala-o até o adormecer com a repetição enfática de poemas fastiosos da sua autoria, que usa sempre em vez de água-de-papoila; e quando o paciente desperta, eu próprio administro uma dose das minhas pílulas douradas e um dedal cheio do meu tónico *Alegrete*; e caso estes métodos não elevem o seu espírito acima da depressão da melancolia, a única perturbação a que estamos sujeitos, então tem mesmo de seguir os passos dos seus antepassados; pois não está ao alcance da arte humana adiar-lhe a eternidade.

Em segundo lugar, a razão principal por que os músicos são tão adorados como as corujas pelos egípcios é que, uma vez que todo os confortos da vida nos

são proporcionado pela natureza, sem o mínimo contributo do nosso labor, nada mais temos a fazer do que comer, beber e dormir, passar o tempo a cantar, dançar, rir e ser feliz: de tal modo que se um homem tem apenas queda melodiosa para qualquer instrumento, mesmo que seja a trombeta dos *judeus*, deverá ser nessa medida respeitado e admirado, se não quiser receber súplica, tal como sucedeu com *Tubal Cain* por tocar um madrigal com as suas conchas de amêijoas. De tal modo que os únicos artistas importantes entre nós são, juntamente com os médicos, os tocadores de rabeca e de gaita-de-foles, os cantores, os dançarinos, os versejadores e os versados em trocadilhos, apesar de os últimos serem forçados a servir de lacaios aos anteriores, porque aqui somos todos de opinião de que fazer trocadilhos mais depressa o torna em moço do rabequista do que em seu patrão.

Tivemos um teatro, e uma companhia de comediantes durante algum tempo, mas estavam sempre a discutir por causa das suas senhoras, ou sobre quem deveria ter os maiores salários; por isso fornecemos-lhes uma grande canoa e mandámo-los para fora da Ilha.

Temos muito poucos artesãos entre nós, para além daqueles que fazem os nossos instrumentos musicais, e eles tornam-se uns malandros tão distraídos, porque vivem em abundância, que muitas vezes somos obrigados a colocar um braço e um cavalete numa das pipas *Alegrete*, e a ligá-los a um triplo alto e a fazer variações simples com um arco e uma lâmina de modo a tocarmos os nossos baixos contínuos; no entanto, estamos sempre tão satisfeitos com a nossa música, como se pode estar com o relinchar harmonioso dos nossos cavalos *italianos*; porque a quem quer que aqui encontre a mínima falha, ou se mostre descontente em qualquer ocasião, é-lhe imediatamente confiscada a residência e é banido da Ilha.

Os nossos mestres dançarinos têm mais solicitação entre as nossas senhoras do que aquele a que conseguem acorrer com as biqueiras, apesar de nunca receberem qualquer recompensa pelo seu labor para além dos agradecimentos; porque tudo aqui é tão profuso sem dinheiro que eles precisam de tão pequeno pagamento quanto possam merecer; mas se alguém, por acaso, for apanhado a beijar uma estudante, deverá pacientemente aceitar que os seus calcanhares sejam partidos, para que jamais possa voltar a dançar, ou então deverá ser forçado, num período de vinte e quatro horas, a deixar o país; pois considera-se que nada pode causar maior interrupção ao contentamento dos pais do que ter as suas filhas corrompidas por esses mesmos depravados que têm a confiança de lhes ensinar boas maneiras; não, alguns são capazes de pensar que isso transporta consigo uma noção tão abominável de perfídia, que um homem por isso merece ser castrado.

Se, em justiça, um amigo bem falso
Ao enganar-me ganha o cadafalso
O que merece aquele que me trai,
Que desflora minha filha, meu ai?

Capítulo VI

Das nossas leis, e métodos para despacho da justiça

Temos apenas um tribunal de magistratura, não temos júris, e apenas um juiz, que tem poder absoluto, sem a circunscrição de qualquer lei, para decidir sobre quaisquer assuntos, *Coram Judice*, de acordo com o melhor do seu próprio julgamento, que ele está obrigado a fazer na primeira audição, sem qualquer adiamento. Tal como *Astrea*, ele está sempre de olhos vendados quando se senta no banco, para evitar a corrupção, de modo a não ser afectado pela conduta de um homem, ou ofendido com a figura rústica ou ainda com o comportamento apalhaçado de outro qualquer, de modo a ser predisposto para qualquer forma de parcialidade; nem sequer escuta com mais do que um ouvido de cada vez; pois mal o queixoso começa a falar, ele imediatamente interrompe o outro, reservando-o para o defensor. Toda a gente aqui se vê na obrigação e na inevitável necessidade de defender a sua própria causa, pois não temos coisas como antigos e bafientos costumes, precedentes, ou velhas regras intrincadas, fechadas numa linguagem bárbara e obsoleta para baralhar a justiça, adiar o julgamento, e criar uma dificuldade; razão pela qual não se justificam esses ágeis linguarudos em subterfúgios e subtilezas chamados advogados: embora, de há uns anos para cá, o nosso tribunal tenha admitido dois oradores, um para o queixoso e outro para o arguido; mas em pouco tempo encheram os ouvidos de todos os ilhéus; de tal modo que, sendo motivo de incómodo, um, o maior incendiário, foi decentemente pendurado numa macieira antiga e o outro logo a seguir morreu de medo; pelo que desde então os habitantes viram a sua antiga satisfação devolvida e toda a gente tem a liberdade de, em palavras simples, expor o seu próprio caso, e as suas testemunhas o privilégio de falar livremente sem serem ridicularizadas a partir da verdade, ou a partir dos seus sentidos; e para que nenhum homem, de alguma forma, tenha vantagem sobre o seu adversário, não há instrução para além da escrita e da leitura que possa ser ensinada entre nós; e através destes meios preservamos a nossa paz, prevenimos o crescimento de estúpidos e defendemos a nossa antiga constituição de todo o tipo de inovações: nem de facto o nosso tribunal de magistratura é perturbado por quaisquer assuntos relacionados com dívidas,

porque todas as pessoas vivem aqui em tão grande abundância que nenhum homem tem motivo para pedir o que quer que seja emprestado ao seu vizinho; nem temos quaisquer disputas sobre títulos do Estado pois todos os homens e respectivas famílias têm mais do que o que não sabem gastar; de tal modo que a maior parte das nossas controvérsias são sobre a perturbação da nossa paz através de palavras azedas entre vizinhos, ou discórdias entre homem e mulher; que, por raramente acontecerem, são sempre punidas com a máxima severidade, antes que outros sejam corrompidos por maus exemplos, e o contentamento da ilha seja infelizmente arruinado. A perda da língua, ou o desterro perpétuo, são as sentenças normalmente pronunciadas pelo juiz em relação a tais ofensores; cujas terríveis condenações jamais são substituídas por outros termos que não uma humilde submissão, uma penitência aberta, um arrependimento sincero, e uma retractação pública: de tal modo que independentemente do julgamento, caso o condenado consiga encontrar certezas para o devido cumprimento dos artigos atrás mencionados, a ele lhe são de novo restituídas as suas anteriores liberdades. De onde podereis observar que a nossa grande severidade não funciona sem misericórdia.

Quem se arrepende da sua ofensa
Merece compaixão por penitência;
Falta de dó, boa gente diria,
Faz da justiça humana tirania.

Capítulo VII

Dos nossos casamentos

Como temos pouca necessidade quer de dinheiro quer de gestão da economia doméstica, as únicas dádivas, graças e conhecimentos que valorizamos numa mulher são a beleza, a modéstia e uma excelência fascinante tanto na música como na dança; e quanto maior for a perfeição de que ela felizmente goze nestes amorosos estímulos, maior será a fortuna por que a estimamos e respeitamos em conformidade. E considerando que a mulher foi o melhor e mais belo trabalho que corou toda a criação, damos-lhes a primazia em todos os casos, à excepção do governo familiar. São as primeiras a escolher, a comer, a beber, a ir para a cama, e têm uma peculiar liberdade para descobrir as suas afeições sem incorrerem desse modo no menor escândalo ou observação, razão pela qual os homens nunca se dirigem a elas como nos outros países, ou fatigam os seus ouvidos com cortes impertinentes, mas deixam-nas sempre escolher, extraordinário privilégio que nenhum pai tem poder para negar a qualquer filha,

logo que esta complete 15 anos. E o método que usam para exprimir a sua afeição pelo felizardo que honrem com seu amor está no modo seguinte, a saber. A enamorada donzela, quando escolhe o seu homem, tricota com os seus lindos dedos um anel artificial com o seu próprio cabelo de solteira que envia embrulhado num papel branco, no qual se encontra escrito o seu nome com uma linda letra, bem como o bosque onde ela tenciona caminhar no dia seguinte com alguns dos seus parentes. Se o destinatário do presente não estiver de forma alguma comprometido, e a aprovar para sua noiva, guardará a oferta e arrancando uma folha de amoreira da parte da frente da sua vestimenta, devolve-a à donzela noutro pedaço de papel, no qual exprime a amável aceitação, assegurando que se encontrará com ela no sítio determinado. Mas se ele não gostar da proposta, devolve o presente pelo portador, que é aqui visto como o maior desprezo de que uma virgem pode ser alvo, e do qual não será capaz de se desculpar a não ser por razões substanciais. Mas caso eles se encontrem, a união é arranjada na sua primeira conferência e a data do casamento é determinada pela jovem senhora, sendo sempre deste modo condicional, a saber. Se a qualquer altura, daí em diante, por razões que eles conheçam, ambos concordarem numa absoluta separação, poderão ir juntos e através de um pacto exprimir o seu consentimento para se separarem perante o sacerdote que os casou. O mesmo padre ou o seu incumbente na mesma paróquia, tendo poder legal, sem posterior contestação, declarará a total separação, de modo a que cada um possa ter liberdade para casar com novos cônjuges, para sua futura satisfação. E no caso de haver filhos, que aqui nunca são considerados um fardo, em virtude da nossa abundância, os rapazes ficam sempre com o homem, e as raparigas com a mulher. Sem esta liberdade, não seríamos nunca capazes de preservar a satisfação do povo, que sempre foi considerada a maior bênção da nossa pacífica ilha; já que aqui nada parece mais despropositado para os sábios conservadores da nossa feliz constituição, do que marido e esposa serem forçados pela lei a viverem juntos, contrariamente à sua vontade, em perpétuo desacordo, quando ambos podem tencionar desfrutar da felicidade tranquila, ou unir-se confortavelmente uma segunda vez, sem que nenhum possa no futuro encontrar qualquer motivo de arrependimento. Além disso, é a este excelente costume de desejarem separar-se que devemos a principal virtude das nossas mulheres casadas e a continência dos seus maridos; pois o facto de saberem que quando se cansarem um do outro se poderão separar por mútuo consentimento faz com que as algemas matrimoniais se soltem com maior facilidade e sem feridas e leva os dois lados a considerar se deverão sujeitar-se a escândalos por quaisquer práticas libidinosas, durante o primeiro contrato de casamento, sendo que daí em diante se alguma vez

discordassem, desejando separar-se, ninguém seria louco para confiar tanto no homem como na mulher uma segunda vez, tendo quebrado o seu anterior pacto; daí que não tenhamos nenhuma mulher casada a fugir com os seus galanteadores, enquanto os seus maridos surripiam beijos às suas meretrizes; nem cortesãos no enalço das esposas e filhas dos nossos cidadãos, enquanto primos titulares se vingam dos danos causados às suas delicadas senhoras. Em suma, somos um povo muito feliz, de forma alguma entregue ao orgulho, luxúria ou avareza; e ainda que qualquer homem e sua esposa possam consentir separar-se com agrado, continuam ainda geralmente tão enamorados um do outro que raramente esta acção é posta em prática.

Só o amor torna a vida nupcial
Doce e agradável para o casal;
Quando falta não pode a lei forçar
Marido e mulher a juntos ficar.

Capítulo VIII

Dos nossos desportos e recreações

Entre nós, os Desportos mais inocentes são sempre os mais adorados e considerados os mais nobres; não somos de todo dedicados à caça ou à pesca por considerarmos pecaminoso fazer disso um passatempo, nem sequer sentimos prazer pelo sangue de qualquer espécie de criatura; ou melhor, alguns são tão conscienciosos que não se arriscam sequer a jogar o jogo dos alfinetes com receio de que possam por acidente picar os dedos dos vizinhos; contudo, permitimos a realização de desportos e diversões legais no sábado judeu, mas são tais que não podem de forma alguma ser ofensivos quer a Deus quer ao homem, como ouvir *ensembles* de música nas nossas florestas e bosques, flutuar pelos nossos rios nas nossas canoas e barcas, danças sérias nos nossos prados, sem barulho ou desordem, e outros semelhantes. E a principal razão por que concedemos estas liberdades depois do serviço divino são, *a saber*. Não temos intrigas para distrair gente da nossa qualidade, temos poucas tabernas, e não existem cafés para refrescar os nossos cidadãos, não há prostíbulos para entreter a nossa juventude, nem garrafas de *brandy* ou tabaco para as saletas das nossas senhoras, nem tão-pouco buracos para bêbados ou cervejarias para porteiros ébrios e carreteiros. Por isso, achamos razoável tolerar o que é inofensivo, já que o nosso Governo não ganha nada com os pecados e vícios das pessoas. O jogo de cartas consideramos bruxaria, e o jogo de dados, satanismo, pelo que o uso de ambos é estritamente proibido, e para que o jogo não encha a nossa ilha com

esse séquito infernal que arrasta sempre atrás de si, *a saber*. Amaldiçoar, blasfemar, vigarizar, a avareza e a discórdia, presenças tão diabólicas que se provariam muito destrutivas para a nossa pacífica constituição. Não temos cavalos na nossa ilha, e na verdade nem necessidade dos mesmos; mas em vez disso temos um belo animal preto domesticado, com uma lista branca no seu dorso, que, para nosso prazer, nos faz o mesmo serviço. Ele é muito afável, e no entanto muito veloz, tem aproximadamente o tamanho de um jumento, mas pela sua forma mais parece um bode e é tão dócil que o montamos sem sela. Depois de o montarmos, ordenamos-lhe que ande e ele anda, que trote e ele trote, que corra e ele galopa; e é uma criatura tão maravilhosa de uma docilidade inerente, que o podemos mandar ir buscar e trazer, saltar por cima de um barreira ou nadar atrás de um pato com um cavaleiro no seu dorso, tão bem como um *spaniel*. O nome comum deste animal é *viaderrante* assim chamado, suponho, pela sua ligeireza e forma, um tanto como um veado, e sempre de tal forma ocupado que requer uma rápida prontidão. É nessas prestáveis criaturas que nós normalmente usufruímos da nossa diversão fora das nossas grandes cidades, pelas aldeias distantes, retumbando as nossas cornetas e trombetas ao longo das estradas à medida que passamos, com toda a alegre magnificência que adiciona prazer ao nosso progresso. Assim deambulamos pelo país, para visitar os nossos amigos e parentes duas vezes ao ano, e depois de nos termos divertido uns com os outros com bebida, alegria, música e dança moderadas, regressamos ao lar para junto das nossas famílias sem nos preocuparmos com as nossas ocupações, e com o encanto das nossas mulheres e a doçura dos nossos filhos continuamos com a nossa alacridade, preservando a nossa satisfação. De seguida, o que nos dá mais prazer é conversar familiarmente com os nossos amáveis vizinhos, o que diariamente reavivamos sob a sombra das nossas videiras, ou por vezes na taberna, mas sempre cuidadosos com estes males, a saber. Falar intranquilamente, zombando até à profanação e beber em excesso; para que não tenhamos discursos obscenos que comecem por ser devassos, passem para a blasfémia e terminem em religião; nem discussões acerca do governo ou disputas sobre assuntos que nenhum de nós compreende; nem conluios facciosos para propagar a sedição ou para minar a Igreja; nem alterações acerca da nossa santidade; para podermos dar ao nosso adversário, o diabo, a melhor parte do bordão; nem sequer projectos políticos para vender a prosperidade do nosso país à avareza dos nossos superiores; nem invenções ameaçadoras, para transformar as dezanove partes do nosso reino em escravos da vigésima parte; não temos divisões partidárias para ocupar os nossos tolos com lutas por causa de sombras enquanto perdemos a nossa substância. Em suma, somos um povo amável; juntos e separados, preocupamo-nos com a

tranquilidade do nosso Rei, a segurança pública e à nossa própria felicidade. Nunca promovemos em privado as nossas discórdias intestinas e consagramos a subtileza, recomendando abertamente a paz, o amor e a unidade; e por isso os nossos desportos são na verdade inocentes; as nossas diversões deliciosas e todos os nossos encontros alegres, que são apenas animados pelo progresso da harmonia, sendo tão bem regulados, que nada mais passa pelas nossas conversas a não ser o que é alegre no presente e doce na reflexão: e as principais razões por que vivemos tão seguros neste estado de felicidade são estas, a saber. Somos unânimes na nossa devoção e ouvimos poucos sermões dos ortodoxos, e não somos atormentados nem com panfletos polémicos nem com jornais enganadores.

Onde o escriba tudo pode dizer,
Vender cismas, o povo corromper,
Manhoso prega em púlpitos de rua
Disparates – a discórdia continua.

Capítulo IX

Da nossa religião e do nosso clero

Em matéria de fé, temos apenas uma opinião absoluta, a qual, sem dúvida alguma, é universal entre nós, e o símbolo nominal que a nossa igreja ostenta é o da igreja da paz, e a principal denominação pela qual os seus filhos são distinguidos, a saber, os irmãos da satisfação. No que respeita a questões eclesiásticas, estamos sob a autoridade de um só bispo, e somos amigos verdadeiros da igreja temendo que se tivéssemos mais eles iriam disputar a sua senioridade e deixar perplexa a igreja com as suas controversas disputas, para prejuízo da sua comunidade; pelo que a totalidade da Ilha, sendo ela tão pequena, assenta felizmente numa só diocese: nem será um homem escolhido para exercer esta sagrada autoridade antes de ter dado a toda a nação, pela sua vida exemplar, suficientes testemunhos da sua extraordinária sabedoria, sincera piedade, e imaculada integridade; pelo que, quem quer que seja investido desta santa dignidade, possa ser sempre reverenciado por todo o povo, como um Moisés ou um Abraão. O seu maior cuidado é preservar a igreja na sua antiga fundação, em amor e unidade, e estar atento e ser diligente em providenciar à ilha um pacífico, astuto, e discreto clero, qualificado pela sua vida, bem como pela sua doutrina, para ensinar ao povo os seus deveres. Nem são eles obrigados a adornar a sua eloquência com frases ininteligíveis, ou termos abstrusos, tomados emprestados de futilidades de línguas estrangeiras, mas são

estritamente obrigados a ser tão familiares nos seus púlpitos assim como são nos seus locutórios, estando todos nós de acordo que é tarefa dos nossos orientadores não confundir, mas instruir as suas congregações; pois nós não somos afectados por fanfarronices metafísicas, ou aptos a admirar, como as outras nações, o que não entendemos. O nosso credo e a nossa adoração são estritamente conforme às Escrituras e os sermões do nosso clero não são nunca discordantes das nossas crenças. Nós universalmente aprovamos a música divina nas nossas igrejas, como ternos e confortáveis meios para elevar nossas almas no sagrado serviço a Deus Todo-poderoso; e se um homem entre nós houver a insinuar a sua aversão a uma tal harmonia celestial, será olhado como um bruto, sem alma racional, e indigno de ser admitido numa casa de orações. Nós nunca entramos pela porta sagrada sem uma profunda humildade e somos todos tão unanimemente sinceros em nossa devoção que pensamos ser um desprezo à divina majestade mostrar um olhar vago ou um ar agitado; pelo que ninguém vem à igreja sem a sincera intenção de cumprir o seu dever, e nas suas contemplanções e acções expressar aquela reverência que é altamente merecedora de tão solene ocasião. Não temos cobiça entre damas intrigantes e seus apaixonados galantes; nem gestos estudados, comportamentos lânguidos ou olhares enfeitiçadores para incitar o devasso a poluir o templo com tendências adúlteras; não vamos à igreja por orgulho, em vez de piedade, nem tão-pouco para mostrar a beleza de nossos novos trajes, mas pela sinceridade de nossas devoções; não se escondem os rostos femininos com leques rosados, no interino de uma oração, passando todo o tempo da sua fingida santidade a espreitar pelos buracos para analisar os rostos dos jovens cavalheiros; não se ajoelham com um coração libidinoso e um semblante hipócrita, com um olho posto no céu e o outro no amante; nenhum encontro amoroso marcado no átrio da igreja, para comportamentos perversos depois do serviço divino; nem somos nós perturbados por consciências afáveis, que despem o padre do seu benefício eclesiástico, bem como do seu sobrepeliz, a igreja dos seus ritos e cerimónias, o coro da sua prata, o campanário dos seus sinos e a sagrada Casa de Deus da sua harmonia. Resumindo, somos um povo que abomina o orgulho, ama a unidade, e odeia a discordância, e não mostramos mais zelo nos olhares do que o é visível nas nossas práticas; nunca rezamos alto nos nossos salões, nem enganamos o mundo nos nossos negócios, nem amontoamos calúnias sobre os inocentes, e protegemos os nossos irmãos culpados, não oprimimos o nosso país para satisfazer as nossas ambições, não investimos de poder a verdade com evidentes falsidades, ou preferimos o ventoso palavreado de orgulho, estúpidos iletrados, ao som da doutrina de devotos, instruídos e veneráveis instrutores; nem toleramos que qualquer homem suba ao púlpito que não seja verdadeiramente

merecedor de tão divino serviço, ou alguma vez permitimos que a sagrada missão do sacerdócio seja imitada em antros e esquinas por macacos e beduínos, os quais, como charlatães e saltimbancos, não têm hipótese de conquistar uma boa opinião por parte dos loucos, a não ser proferindo insultos nos seus palcos aos verdadeiros e hábeis médicos, pelo que, pelo extraordinário cuidado dos nossos governantes da igreja, somos sempre preservados numa tal pacífica unanimidade que não tenhamos nenhum fanático entre nós que perturbe a quietude da nossa Ilha.

Quando a religião é preservada
A mente do rebanho é inspirada;
Mas quando entre as igrejas há cisão
Daí só resulta a destruição.

Capítulo X

Do nosso governo civil

Consideramos uma grande felicidade estarmos sob o governo de uma monarquia hereditária, que pela bênção da Divina Providência, por longo tempo se tem conservado entre nós, sem qualquer interrupção. Não temos uma tradição que faça o relato de qualquer divisão, distúrbio, revolta ou revolução, que tenha acontecido desde que tivemos um rei, que (de acordo com as nossas melhores e mais genuínas histórias, as nossas antigas baladas, que têm sido cantadas de geração em geração) foi um bom e velho senhor, que abandonou o seu país de origem com os seus filhos, amigos e parentes para salvar as suas vidas numa época de rebelião e crueldade, quando o príncipe deles foi assassinado, a constituição feita em pedaços, a religião tornada objecto de escárnio, os seus bens confiscados por mãos de traidores, e todo o reino pintado de um tom sanguinolento, com o sangue dos leais. Foi nesses tempos de dificuldade, quando não havia outra perspectiva senão a miséria e a destruição, que o nosso primeiro rei e governador, com toda a sua família, se fizeram ao mar numa grande embarcação que tinham comprado, preferindo confiar a sua sorte à mercê dos ventos desenfreados e do oceano tempestuoso do que à malícia sem respeito e à mais incontrolável ira de uma envenenada população enfurecida e de um inimigo fanático, que se tornaram os instrumentos da justiça de Deus sobre uma nação pecadora. Quando embarcaram desta forma, com a ajuda de um piloto e de alguns marinheiros, fizeram-se ao mar, onde vaguearam por muitas semanas sob a protecção da Divina Providência com o propósito de descobrirem um país desabitado onde eles se pudessem propor viver seguros e livres da

tiraniam e opressão de tão desumanos monstros, como os que tinham deixado para trás. Finalmente, quando arrastados para grandes dificuldades devido à escassez de provisões, o bondoso céu, por compaixão dos desamparados viajantes, guiou a embarcação à vista desta nossa frutuosa ilha, e eles, tendo navegado à sua volta e pensado, em virtude da ausência de cidades na praia, que era deserta, aventuraram-se a lançar âncora numa espaçosa baía, e guindando o barco, desembarcaram por acaso na mais agradável parte de todo o país, onde a natureza selvagem era de tal modo exuberante que, ao chegarem, encontraram tudo o que precisavam para o sustento de uma vida num estado de felicidade incontável; pois eles logo perceberam, pelo estado selvagem dos bosques, da falta de trilhos onde se pudesse caminhar e do aspecto agreste de tudo o que encontraram quando desembarcaram, que não corriam qualquer perigo em relação a quaisquer anteriores habitantes, à exceção de animais selvagens e em relação a eles estavam armados e protegidos; pelo que, estando encantados com o clima, consolados com os produtos e deliciados com o país, estavam profundamente satisfeitos com o que a Divina Providência lhes havia destinado, e unanimemente resolveram desfrutar agradecidamente da serena posse da nova terra de *Canaã*; e para melhor assegurarem a contínua felicidade, eles acharam necessário acordarem num determinado sistema de governo que pudesse preservar a comunidade, no futuro, desses problemas e confusões fatais que os haviam levado a abandonar o país de origem. Após uma breve consulta às cabeças mais sábias de entre eles, uma absoluta monarquia, sem quaisquer limitações, foi determinada como sendo a melhor, pois eles tinham-se apercebido muito recentemente de que as miseráveis condições de que se tinham retirado haviam sido todas incontestavelmente devidas ao orgulho, insensatez e loucura de um obstinado senado de cabeça quente, que pretendia ter parte no governo. Eles estavam por isso resolvidos a evitar que iguais mal-entendidos surgissem no seu novo reino pelas mesmas causas e pensaram que seria muito mais seguro confiarem na misericórdia, sabedoria e conduta de um bom homem, do que nas paixões, partidos, e caprichos que poderiam surgir de muitos. Por conseguinte, o bom e velho senhor, que era o pai da família que havia salvo da escravidão, chamou a si a soberana autoridade; e, tendo sido consagrado rei, sob a autoridade divina, pelo seu próprio capelão, assumiu o nome de Philodespot, por ser um verdadeiro amante do seu prejudicado mestre. Mal ele subiu ao trono, logo sabiamente procedeu ao estabelecimento do governo numa fundação duradoura, e dispoñdo tudo à inexprimível alegria e satisfação dos seus súbditos, estes ficaram tão contentes com a discreta administração e conduta principesca do seu novo rei Philodespot que começaram considerar a lealdade como a principal virtude, e maior obrigação,

que deveria ser tomada em conta por um povo tão feliz, que se encontravam agora tão absolutamente livres de toda a crueldade e opressão, e de repente avançavam para um estado de felicidade, que reverenciaram o seu patriota real como um Salomão pela sua sabedoria e como a um David pela sua bondade, uma vez que a sua única preocupação e ambição eram a sua justa glória e a felicidade dos seus súbditos. Da sagrada força geratriz deste venerável príncipe descendeu aquele sábio e respeitador da paz Philodespot II, que não só herdou o trono, mas também as virtudes do seu pai, sob o governo do qual o contentamento do povo continuou a florescer por mais de 20 anos, sem a menor Interrupção, até que, tal como ele tinha reinado em conforto, morreu em paz, e foi alegremente sucedido pelo seu real filho Philodespot III, o nosso actual soberano, um príncipe de inigualável piedade, temperamento sereno, inexprimível clemência e bondade para com o seu povo, que mais rapidamente preferiria ele morrer como um mártir a sacrificar a paz e o bem-estar dos seus súbditos, acima de outra qualquer condição que não fosse a segurança destes, de tal forma que nos imaginamos sob o seu excelente governo como as pessoas mais felizes no universo. Ele não tem bajuladores à sua volta, para se porem à venda, fomentando medos e invejas sem fundamento; nenhum ambicioso novo-rico, aumentando a sua fortuna através de fraude, traição e opressão; antes toma as rédeas do poder com tanta sabedoria e moderação, e obedecem-lhe em tudo com tanto zelo e lealdade, que é difícil determinar quem é mais feliz, se o príncipe ou o povo.

Quando o rei é justo, bom e leal
Não falha a nação ao seu ideal;
Mas quando o povo o príncipe não segue
Que o seu orgulho rebelde os cegue.

Cap. XI

Dos nossos cortesãos e da nossa qualidade

Nenhuma pessoa é dignificada ou distinguida aqui por outro valor que não seja a sua sabedoria, piedade e virtude; e quando em qualquer um dos seus herdeiros for descoberta a ausência destes dons e qualidades, a sua honra cessa e os seus títulos são-lhe confiscados. Nem serão mais reverenciados pela multidão humilde, se não puderem sustentar os seus méritos, não por arte, mas por acção, muito acima do nível da gente comum; nem serão alguma vez admitidos na autoridade pública, sem que prestem uma tal prova das suas singulares perfeições, que nenhum rei ou país tenha a mínima razão, por um qualquer

hábito vicioso, para duvidar da sua integridade; e se alguma vez forem descobertos em qualquer prática perversa entre príncipe e povo, serão logo mergulhados em mel em abundância, como um pavio na cera quando se faz uma vela, depois amarrados de costas a uma árvore num bosque, para que morram picados por abelhas, vespas e mosquitos. Assim, os grandes homens aqui, bem como as nossas senhoras, são sabiamente cuidadosos em serem justos como *Astrea*, virtuosos como freiras e piedosos como bispos, e através da austeridade das suas vidas são um encorajamento para que toda ilha lhes siga o exemplo. Se forem orgulhosos, cobiçosos ou arrogantes, o rei despreza-os e o povo ri-se deles; se forem luxuriantes, viciosos ou imorais, colocamo-los de quarentena numa Casa para Pestilentos, com medo de que o malévolos contágio se espalhe pelo reino. E se descuidadamente derem ao povo quaisquer testemunhos da sua loucura, são despojados da sua honra, rebaixados com um barrete de bobo, um lenço e um babeiro e condenados a ser palhaços para os nossos saltimbancos. Por isso, toda a gente de qualidade é tão discreta na sua vida e nas suas práticas e tão cautelosa e recta na gerência das suas funções e na execução da autoridade, que nunca soubemos de o dinheiro público ser falado em churrascos ou de um arrivista astuto obter uma propriedade enganando o nosso governo, mas todas as pessoas estão aqui bem satisfeitas com recursos suficientes para se sustentarem nas suas funções e nunca procuram aumentar as suas próprias fortunas pela opressão de outros. Nem temos nenhum lacaio promovido acima dos seus méritos, por serviços prestados no quarto, vigilância intrometida à porta da iniquidade ou contrabando de mercadorias proibidas; pois a qualidade das nossas mulheres é tão maravilhosamente virtuosa que um senhor recém-casado pode ir de viagem por doze meses e deixar ficar a sua senhora, sem o perigo de um peralta rival, um herdeiro espúrio, ou de perder uma jóia do cofre de sua esposa. Não temos patifes influentes que se façam passar por homens educados, para jogar às cartas com as nossas senhoras; nenhum Sr. *Peralvilho Palpitante* para idolatrar os encantos de uma condessa lasciva, ou para sublevar a orla da saia para administrar titulação à sua desejosa honra; nem cortesãs na corte para abanar as suas caudas libertinas ao favor real do nosso rei, que possam revelar àqueles que mais lhes agradem os segredos que ganhem com a sua leviandade, mergulhando mais fundo nos seus abraços luxuriosos; nem ganhões a grande soldo, ou concubinas de grandes custos; nem alcoviteiras de direito, ou chulos adutores nos seus coches lacados; nem nobres de aparência para ornamentar as nossas igrejas ao domingo, para que possam dourar os seus vícios com a sua santidade hipócrita e cobrir os seus seis dias de vergonha com a sua devoção do sétimo dia. Em suma, não temos prazeres sexuais promíscuos entre os nossos grandes e poderosos, mas todo o grande homem guarda o seu

garanhão careca no seu próprio estábulo, e todas as senhoras têm o cuidado de fechar a porta do estábulo na ausência dos seus senhores, para que nenhum garanhão possa rivalizar o seu *Bucephalus* nos seus prazeres legítimos; e as nossas senhoras possam viver sem o medo da vergonha, e os nossos senhores sem o perigo de ficarem cornudos.

A virtude entre os grandes da corte
Brilha e o Estado torna mui forte;
Mas quando a luxúria atrai seus mentores
Na populaça encontra seguidores.

Cap. XII

Dos nossos negócios e comércio externo

Somos tão pouco amigos de complementos supérfluos e cerimônias desnecessárias que somos completamente dissidentes desse retraimento e reverência incômodas, que os tolos *afrancesados* de algumas nações tomam por educação superior. Assim, para evitar o janotismo, em vez de papismo, que vem ao nosso encontro, o nosso governo não nos permitirá ter nenhum comércio com qualquer nação a não ser a holandesa, por estas duas razões: primeiro, porque nunca são dados a excessos de educação, de modo a corromper o nosso povo com maneiras além do proveitoso. E em segundo lugar, porque nunca professam qualquer religião entre nós, não havendo, assim, qualquer perigo de introduzirem um novo culto ou de afastarem comungantes da nossa igreja oficial; deste modo, não temos razões para temer que os seus lindos exemplos transformem os nossos brutos em *beaus* ou os nossos fanáticos em cismáticos. A nossa ilha é por natureza tão bem fortificada, que não é acessível por parte alguma, a não ser por dois locais, e esses estão por arte tão bem seguros que ninguém nos poderá surpreender que não seja por nossa própria traição; assim, a primeira vez que os holandeses vieram negociar connosco não tolerámos que pusessem um pé na nossa ilha sem que antes fizessem um juramento de que sempre que estivessem no nosso porto manteriam as mãos nos bolsos, as facas nas bocas e nunca beberiam uma gota de um licor forte, até que voltassem para as suas embarcações; cláusulas que têm sido bem cumpridas até hoje: através deste estratagema, mantemos os seus dedos longe do palmanço e do roubo, as suas línguas longe da mentira e da calúnia, os bêbedos sequiosos longe da embriaguez e os cobardes longe da altercação; apenas aquele que negocia tem a sua faca no bolso e tem a sua boca livre, mas se alguma vez for ouvido a dizer raios e coriscos é-lhe confiscado o privilégio. Embora os consideremos um povo

muito engenhoso, somos tão astutos quanto eles podem ser, pois nunca lhes fornecemos nenhuma das nossas mercadorias a não ser o que pudermos dispensar sem prejudicar a nossa abundância, e nunca ficamos com nada em troca dos nossos produtos a não ser o que for útil para o povo. Não somos tolos para exportar o melhor das nossas provisões, até que delas venhamos a necessitar, para o bem da frágil terra holandesa, isso custa-nos a engolir; não trocamos o nosso pão por uma parcela de bebês holandeses, para que as nossas crianças tenham com quem brincar, pois antes de brincar precisam de comer. Desprezamos a ideia de que eles fiquem ricos com a nossa pobreza, orgulhosos com a nossa humildade, gordos com o nosso consumo, prósperos com a nossa extravagância, sensatos com a nossa loucura e poderosos com a nossa fraqueza. Numa palavra, somos muito cuidadosos em não perder nada para eles, mas usá-los exactamente da mesma forma que eles nos usariam, e negociar com os seus grandes e poderosos como eles fariam com toda a gente, ou como nós faríamos com o diabo. Assim, no máximo, apenas faríamos deles os nossos fabricantes de velas, os nossos vendedores de peixe, os nossos armazenadores de manteiga, os nossos comerciantes de brandy, etc; e finalmente, os nossos varredores para levarem o nosso lixo para fora da ilha, pois nunca lhes dispensaríamos nada a não ser o que se tornasse incómodo se não nos livrássemos dele. No entanto, a indústria deles faz com que as nossas superfluidades dêem lucro, porque as levam para essas nações insensatas, tão cheias de orgulho e vaidade que trocam os seus produtos principais por inutilidades, que apenas adornarão um boneco articulado ou o cão de colo de uma senhora, ou que apenas darão novo sabor a água morna. Assim, mantêmo-los ao largo, embora eles também nos mantenham assim, e nunca confiaremos neles para além do que formos capazes de controlar.

Agora que vos dei uma descrição da nossa ilha e vos disse que tipo de povo não somos, bem como o que somos, concluirei com um exemplar da nossa lírica, para que vejais até que ponto as musas nos honraram com a sua companhia, e ainda que não nos possamos vangloriar com uma instruída retrospectão de trabalhos proveitosos de antigos meritórios defuntos, que foram a honra e o ornamento de eras passadas, com a ajuda de conversas em rima conseguimos evocar uma balada tão florescente como alguma vez haveis ouvido cantar no *Porters Block* em *Smithfield*, ou adquirido em *Pye-Corner*, a saber.

Uma Canção

Quando o famoso Apolo, Deus da Luz,
Monarca de um trono emurchecido,
Recua para entrar a velha noite,
Coroa de estrelas, manto caído;
Quando o grande Favonius faz soprar
Nesta ilha uma brisa refrescante,
Assim arrefecendo o solo fértil,
Embalando árvores a cada instante;

É para o bosque que então partimos
Com música alegre nos corações;
Cantamos à amizade doces hinos,
Inocentes de todas as paixões.

Enquanto uvas frescas de vinhas férteis
Em cachos sumarentos vão crescendo
Fortes, acima de nossas cabeças,
Taças de vinho nós vamos erguendo;
Quando as rolas murmuram seu amor
E arrulham na sombra fresca e escura,
E ramos pendentes, cruzando o céu,
Protegem a nossa cabeça da chuva;

Desprezando como vil toda a fraude,
Amigos, brindamos na tarde calma
Sem excessos, sem qualquer fim sinistro,
Alegres, preparamos nossa alma.

Que os reinos estrangeiros tudo gastem
Fazendo seus vizinhos soçobrar
E que com esse sangue derramado
Venha a chuva campos estrumar;
Que chorem as mães, chorem as esposas,
E dêem as mãos na dor, na loucura,
Vendo os filhos e maridos partir
P'ra alimentar o vão da sepultura;
Ao passo que nós, na paz e abundância,

Vivemos todos para o bem comum,
Não temos lobos em pele de cordeiro,
Somos um por todos, todos por um.

Não temos ricos à custa de pobres,
Não honramos a lisonja matreira,
Não enganamos nosso irmão fazendo
Elogios de toda a maneira.
Não cedemos aos caprichos dos fortes
Para deles nos tornarmos escravos
Nem com truques atraímos nós loucos
Para caírem nas mãos de velhacos.

Antes honramos nosso grande príncipe,
Temos fé em todos, somos amigos;
De forma sábia evitamos rochedos
E fugimos a todos os perigos.

Notas

¹ Qualquer virtude é impossível sem verdade.

² *Nota do autor:* Um médico sábio mas também divertido da corte de Henrique VIII.